

# A Vida do Cagarro

durante 1 ano



# A grande viagem para Sul

Em Outubro, os cagarros juvenis, já com o tamanho e a plumagem de cagarros adultos, são abandonados no ninho pelos seus progenitores, que migram para o Hemisfério Sul, onde permanecem durante o Inverno.

Sozinhos, os cagarros juvenis saem do ninho pela primeira vez, a partir de meados de Outubro, em direcção ao mar. No mar, procuram alimento e iniciam o seu primeiro grande voo de muitas centenas de quilómetros, para Sul. Em alto mar, passarão o Inverno com outros cagarros da colónia.

No percurso do ninho até ao mar, os cagarros juvenis, enfrentam muitos perigos. Um dos principais perigos são as estradas. Os cagarros são atraídos pelas luzes artificiais dos automóveis, das habitações e das estradas, sobretudo em noites escuras. Ao atravessarem as estradas, os cagarros ficam encandeados pelas luzes e podem ser atropelados pelos carros.

# A vida em alto mar

Os cagarros passam o Inverno em alto mar, no oceano Atlântico. Tal como os albatrozes, ou outras aves marinhas, possuem diversas características morfológicas adaptadas a este modo de vida: o corpo leve, as asas longas, estreitas e flexíveis, as patas com membranas interdigitais e as glândulas tubulares, associadas às narinas, que expelem o sal da água do mar.

Os cagarros podem deslizar sobre o mar durante horas, praticamente sem bater as asas. As asas mantidas tensas, estiradas e mais ou menos arqueadas permitem efectuar um voo planado em ziguezague por entre as ondas do mar, ou imediatamente acima destas, consoante a velocidade do vento, reduzindo assim o efeito do atrito e poupando energia.

O alimento (peixes, lulas e crustáceos) é procurado com o auxílio da visão e do olfacto, de dia ou de noite, em vastas áreas do oceano, por vezes em associação com golfinhos e atuns. Os cardumes de peixe perseguidos pelos golfinhos e pelos atuns que fogem em direcção à superfície são mais facilmente capturados pelos cagarros, uma vez que estes mergulham geralmente a baixa profundidade. O seu bico, direito e com a ponta em forma de gancho, facilita a captura das presas.

# O regresso aos Açores

O cagarro, de nome científico *Calonectris diomedea*, pertence à Ordem dos Procellariiformes, grupo formado por espécies de aves marinhas pelágicas, que passam grande parte do seu ciclo de vida no mar, vindo a terra apenas durante a época de reprodução, para nidificar.

Março é o mês do regresso dos cagarros aos Açores, depois de uma longa ausência nos mares do Hemisfério Sul. Os cagarros começam desde logo por visitar as colónias de anos anteriores, situadas em ilhéus, falésias e arribas costeiras, sempre durante a noite, possivelmente para protecção contra eventuais predadores.

Ao final da tarde, agregam-se em grandes grupos, a que os ornitólogos chamam “jangadas”, e ficam pousados silenciosamente no mar junto à costa, perto da sua colónia. Quando o grupo se encontra todo reunido regressam finalmente à colónia emitindo os interessantes cantos e vocalizações que lhes são tão característicos, fazendo lembrar o coaxar de uma rã ou por vezes o miar de um gato. A vocalização do macho é mais aguda e prolongada do que a vocalização da fêmea.

## O namoro

Em Abril e Maio, durante a noite, os cagarros já com o seu parceiro reencontrado, com o qual permanecem toda a vida, aumentam a frequência das suas visitas a terra, onde namoram, acasalam e preparam o ninho onde o ovo será colocado. O namoro inclui comportamentos complexos de reconhecimento e de consolidação do casal, e geralmente envolvem muita actividade vocal.

O ninho dos cagarros pode ser escavado no solo pela própria ave ou instalado em cavidades naturais de rocha vulcânica. Tem normalmente mais de um metro de profundidade, por forma a proteger o ovo e a cria de possíveis predadores.

Em finais de Maio, a actividade das colónias mantém-se e as fêmeas voltam ao seu ninho para pôr um único ovo. O ovo é branco e será incubado durante 55 dias, alternadamente pelo macho e pela fêmea, em turnos de 2 a 8 dias. Se o ovo se perder, as fêmeas não têm capacidade de pôr outro nesse ano.

## O nascimento das crias

No final de Julho a cria eclode, cinzenta e felpuda, crescendo muito depressa. O seu peso inicial multiplica-se por 10 em apenas cerca de 1 mês.

Ao longo dos dias, o casal desloca-se alternadamente entre a colónia e o mar para alimentar a cria em crescimento. Por vezes, o alimento das crias é entregue já parcialmente digerido, sob a forma de óleo, regurgitado no seu bico aberto.

Apesar do seu aspecto frágil e atractivo, estas crias têm uma importante missão a cumprir: assegurar a perpetuação da população, que se encontra num estado de conservação desfavorável, tendo mesmo vindo a decrescer nas últimas décadas. As crias não devem ser perturbadas nos ninhos, por muito bem intencionadas que as pessoas possam ser. Os ninhos de cagarros devem ser evitados e as crias não podem de forma alguma ser manipuladas.

## As crias continuam a crescer

Durante o mês de Agosto cada cria recebe dos pais refeições de cerca de 60 gramas, 2 vezes em cada 3 dias, criando importantes reservas de gordura. A cria irá permanecer com o casal de progenitores durante cerca de 3 meses. Virá a ter uma vida longa, que poderá ir até aos 40 anos de idade, atingindo a maturidade sexual por volta dos 7 ou 8 anos, altura em que regressará aos Açores para se reproduzir pela primeira vez.

O cagarro tem uma maturidade sexual tardia e baixa fecundidade (cada casal tem apenas uma cria por ano), por isso é mais sensível à perturbação e exploração humanas. É assim urgente impedir a destruição do seu habitat de nidificação, bem como a captura e a morte de adultos e crias. Esta prática continua a ser comum em algumas ilhas, seja para obtenção de isco, para alimentação ou por puro vandalismo.

Os Açores têm um papel muito importante na conservação mundial desta espécie emblemática, pois o arquipélago recebe todos os anos a maior população de cagarros do planeta.

Texto  
Maria Pitta Groz e Paula Abreu

Revisão científica  
José Pedro Granadeiro